

# CORREIO DO VOLTA

Semanario  
independente, noticioso e litterario  
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.  
Rua de Sá Noronha, 51

PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:  
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES  
Editor—José Ferreira de Magalhães

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
NA  
RUA DE S. MIGUEL N.º 36  
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceta collaboração que não seja sollicitada.

## Situação politica

Não se realizou, afinal, a nossa maneira de ver, exposta no ultimo artigo, sobre a solução a dar ao problema politico actual. João Chagas, o audaz revolucionario do 31 de janeiro, e o melhor, senão o unico pamphletario portuguez d'hoje, que estava como nosso ministro em Paris, foi chamado pelo Presidente da Republica, para constituir governo, e acaba de desempenhar-se d'esta missão, organizando gabinete com elementos exclusivamente conservadores.

Mas, antes d'esta solução, tentou arranjar um ministerio, com representação de todos os grupos partidarios, e igual tentativa fez o sr. Dr. Duarte Leite, o primeiro homem publico a quem o sr. Dr. Manuel d'Arriaga convidou para presidente de Conselho.

Duarte Leite, reconhecendo inviavel a sua maneira de pensar, declinou a honra recebida; o sr. João Chagas, apesar do resultado infructifero dos seus primeiros esforços, não quiz deixar de corresponder á confiança que nelle depositou o Chefe da Nação.

Felicitemo-nos por nos vermos com a mesma opinião de tão eminentes homens publicos, e procurémos as razões da inviabilidade d'essa opinião.

Suppunhamos nós, talvez ingenuamente, que o odio, vindo de longe, entre os dois grupos do partido republicano—o grupo do *Mundo* e o grupo da *Lucta*,—poderia ser recalado no peito de quem o sente, agora que os republicanos governam, como recalado o fôra, nos tempos em que governavam os monarchicos. Mas não acontece assim. A propria *Lucta*, jornal que sempre reputámos uma das poucas coisas aproveitaveis na imprensa portugueza, já o reconheceu, como provam os seus ultimos artigos sobre disciplina partidaria.

Esses dois grupos tornaram-se irreductiveis. De que tal irreductibilidade existe duvida nenhuma temos, depois das afirmações que os srs. Affonso Costa e Bernardino Machado, do grupo do *Mundo*, ousaram fazer, e as quaes vimos, salvo erro, no *Primeiro de Janeiro*, transcriptas da *Capital*.

Affonso Costa declarou— a lei da separação da Igreja do

Estado é inatingivel. O povo assim a considera. Ai d'aquelle que lhe tocar. Desencadear-se ha uma tempestade formidavel no Congresso.

Bernardino Machado que, parece, desde que abandonou a monarchia, tem tido um sonho constante— alcançar a Presidencia da Republica, não teve pejo de afirmar que no novo ministerio deviam entrar todos os ministros do Governo Provisorio, em cujo numero se conta S. Ex.ª, menos os srs. Antonio José d'Almeida, Brito Camacho e Azevedo Gomes— exactamente os do grupo contrario.

Até o sr. Theophilo Braga se associou á attitude de intransigencia irreductivel do grupo do *Mundo*, óra na opposição, contra o grupo da *Lucta*, que está no poder. E associou-se a essa attitude de intransigencia irreductivel, agradecendo um convite que lhe fizera o Presidente da Republica, para uma conferencia, mas não o accetando.

E' esta, em duas palavras breves, a actual situação politica do nosso paiz. E' boa? Antes o seja. Ha quem, cheio de um candido optimismo, a apoie e sinta uma viva alegria, pensando nella. A lucta que vae entre os republicanos é um bello signal— manifesta que se accorda neste paiz para a vida activa, que ninguem quer estar de mãos nos bolsos, e, portanto, todos pretendem governar. Mas, com licença de quem assim pensa, muito luctaram os monarchicos uns com os outros, mormente depois que os compadres Hintze e Zé Luciano se zangaram. E o caracter, aparente pelo menos, da lucta entre os republicanos e da lucta entre os monarchicos— parece-nos identico. Que queriam os varios grupos da monarchia? Governar. Queriam o penacho— como então se soía dizer. O que querem, agora, os republicanos? Governar tambem.

As situações poderão differenciar-se, e muito, se os republicanos governarem bem. Não dizemos— melhor— do que os monarchicos, porque estes governaram pessimamente. E nós temos esperança de que sim, de que governem bem. Ha no partido republicano homens de talento e de saber, o que não é tudo, porque na monarchia alguns havia tambem, mas a republica tem, a mais, homens honestos e com a sagrada aspiração de ser uteis á sua patria

que prometteram redimir com a nova forma de governo que implantaram em cinco d'outubro.

Mas, se assim é, porque parece quererem confundir as duas situações, estando para aqui com receios de que a governação republicana saia, senão tão ruinosa como a governação monarchica, ao menos inutil?

Nós dizemos os motivos das nossas apprehensões: os portuguezes, como povo da raça latina, são palradores incorrigiveis, tem todos um fundo,— como diremos melhor?— de regateira, e quando lhes dá para descompretem-se ninguem os atura.

Que as discussões tomem este caracter, quando o governo se apresentar ao Congresso, é que nós receamos. Mas com que prazer saudaremos os homens da Republica e felicitaremos o paiz, se assim não acontecer!

## GAZETILHA

Ha tres dias, encontrei  
Uma dama conhecida,  
Cujo nome calarei,  
Que me disse, algo sentida:

«El-Vidalonga, você,  
Parece que *embica* agora  
Não sabemos bem porquê,  
(Mas sei eu, minha senhora),

Com toda a mulher galante  
Que por vontade ou sem ella  
Paga á Moda triumphante  
O seu tributo de bella.

Fique, porém, convencido  
De que no caso presente  
Nenhuma razão tem tido  
De andar a rir-se da gente.

Não se queixavam maridos,  
Papás e noivos tambem  
Que gastavam nos vestidos  
*Dinheirão* por ahi além?

Pois agora, como vê,  
E' tão grande a *economia*  
Que fazemos, que você  
Muito melhor andaria,

Se em logar das suas troças  
Nos louvasse, em galardão.  
Confesso, velhas e moças,  
Que lhe achei qualquer razão.

Mas dizei-me, por favor,  
Assim de forma discreta:  
Não era muito melhor  
*Economia completa?*

3—9.º—911.

EL-VIDALONGA.

Os inglezes tomam Malta, depois de um bloqueio de dois annos (1800)—Faz hoje 111 annos,

## CARTAS D'ALGURES

Demonstração classica  
da comedia portugueza dos seculos  
XVI, XVII e XVIII

Meu amigo:

Annunciaram os jornaes, para hontem, 2 de setembro, no Porto, o seguinte espectáculo: *demonstração classica da comedia portugueza dos seculos XVI, XVII e XVIII, pelos alumnos do Conservatorio de Lisboa*. Coisa identica se fizera, ha tempos, na capital, mas, na impossibilidade de colher impressões pessoas, contentei-me, por então, com as do critico theatral do *Diario de Noticias*. Formei, porém, logo, tenção de não perder o primeiro ensêjo de poder evocar a côrte do Rei *Venturoso*, atravez do *Monologo do Vaqueiro*, interpretado no seculo XX, por alguém que devia talvez a educação litteraria, artistica e historica sufficiente para me dar uma impressão perfeita d'um facto passado em 1502. E foi, por isto, que fiquei satisfeito, quando li que do programma do espectáculo de sabbado fazia parte o referido *Monologo*, chamado tambem— *Auto da visitação*.

Gil Vicente, no segundo anno do seculo XVI, e no segundo dia depois do nascimento do Principe D. João— mais tarde o Rei fanatico que introduziu em Portugal os Jesuitas e a Inquisição— *visitara* a Rainha parturiente, na sua propria camara, e, vestido de *vaqueiro*, recitára, deante da côrte, a primeira obra dramatica portugueza, verdadeiramente litteraria, de que elle mesmo era auctor, e com a qual creava o theatro nacional.

Encarnava Gil Vicente, nesse momento, a alma do povo portuguez, sacrificado e humilhado, mas sempre bom e ingénuo, que se alvoroçava á noticia do nascimento do seu futuro rei. Saudava-o, levava-lhe presentes, saltava de contente. O proprio gado se sentia alegre e, *com a folgança, não cuidava já de pascer*.

Tambem eu, que sei quanto esse princepesinho de dois dias veio a concorrer, quando Rei, para a decadencia moral da nossa raça, o evoco com sympathia e quasi me commovo deante da alegria enternecedora, que os Paes, a Tia e a Avó sentiam, mirando-se no recém-nascido, alegria que, singela

mas vivamente, transparece no *Auto vicentino*. E suppunha eu que, assistindo á representação d'este, havia de sentir mais fortemente as impressões que a sua leitura me deixára. Mas não aconteceu assim, e talvez por isto: quem o recitou não foi feliz na maneira como interpretou algumas passagens e, demais, não havia em scena nada que dêsse ideia da camara da Rainha e não se via nem uma das personagens que deviam representar quem ouviu o Gil Vicente: El-Rei D. Manuel, a Rainha D. Leonor, a Duquesa de Bragança, a Rainha D. Maria.

Mas, creia v., de modo nenhum dei por mal empregado o meu tempo, indo ao «Sá da Bandeira», na noite de sabbado.

Recitado o *Monologo do Vaqueiro*, seguiu-se o desempenho d'algumas scenas do *Auto da Feira*, tambem de mestre Gil, em que a verdadeira graça portugueza resalta limpidamente. Ainda hoje— e já lá vão uns quatro seculos— sentimos vontade de rir quando Amancio Vaz revela ao seu compadre Diniz Lourenço, o desejo de vender a mulher:

«Compadre, enha (a minha) mulher  
E' muito destemperada,  
E, agora, se Deus quizer,  
Faço conta de a vender,  
E dá-la-hei por quasi nada.»

Mas o *Auto da Feira*, como toda a obra do nosso Plauto, tem tambem grande valor sob o aspecto moral e social, o que torna mais sympathica ainda, a iniciativa do illustre Director do Conservatorio de Lisboa, sr. Julio Dantas, a quem se deve a demonstração classica, ultimamente realisada. Não concorre o encantador Poeta da *Ceia dos Cardeaes* apenas para a educação esthetica dos portuguezes, mas tambem para o seu aperfeiçoamento moral.

E, já agora, não deixarei de apontar algumas das passagens d'aquelle *Auto*, essencialmente moralisadoras, de critica a costumes e vicios da epoca, e que o tem sido, afinal, e serão, talvez, de todos os tempos.

Falla o *Diabo*, que representa a deshonestidade, dirigindo-se a *Roma*, que symbolisa a Egrêja, cheia de corrupção, mas que pretende rehabilitar-se:

«Toda a gloria de viver  
Das gentes é ter dinheiro  
E quem muito quizer ter  
Cumpre-lhe de ser primeiro  
O mais ruim que puder.»

Intervem, Mercurio, outro personagem do *Auto*:

«O' Roma, sempre vi lá  
Que matas peccados cá  
E deixas viver os teus,  
E não te corras de mi:  
Mas com teu poder facundo  
Absolves todo o mundo  
E não te lembras de ti.

Meu amigo: se continúo com a transcripção, obrigo-o a augmentar o formato do jornal, e eu não desejo mettê-lo em taes trabalhos. Mesmo esta carta já vae longa de mais. Por isso, duas palavras apenas, para rematar, sobre o resto da *demonstração classica*.

No 2.º acto, representou-se um auto de Camões — o *Auto d'El-Rei Seleuco*. Constituirá isto, talvez, uma grande novidade, para muita gente, que conhece o Camões apenas como auctor dos *Lusiadas*. (O que já não é pouco, diga-se de passagem, porque muita ha também que só o conhece como um homem que foi cego d'um dos olhos). Uma coisa parecida se dá com o genial, mas bohemio e estroina, e talvez devasso, Bocaje, — um dos poetas pedintes do seculo XVIII. Quantos supõem que o grande *Elmano* foi apenas o auctor de historias e versos brégeiros!

Mas voltemos ao *Auto d'El-Rei Seleuco*. Remontemos á antiguidade classica, e assistámos á paixão absorvente do Principe Antiocho pela madrastra, a rainha Stramoneia, nova e formosa, d'uma formosura deslumbradora. O Principe apaixonado, que era de compleição fraca, perdeu o appetite e adoeceu. Tornou-se neurasthenico — como hoje diriamos. Chamado um sabio, parente proximo de Aristoteles, o Pac, El-Rei Seleuco, teve conhecimento da verdadeira causa da doença, e sacrificou o amor conjugal ao amor filial: cedeu a propria mulher ao filho.

Que motivos determinariam Camões a escolher este assumpto para o seu lindo *Auto*? Não será difficil encontral-os: recordemos que D. Manuel I, velho e degenerado, casara em terceiras nupcias, com D. Leonor, irmã de Carlos V, a noiva que estava destinada ao filho, o Principe D. João.

Este facto, diametralmente opposto ao que se passára com o general de Alexandre, é repugnante e determina nas almas honestas um sentimento de extranha antipathia por quem o praticou. Mas os processos que o monarcha, duas vezes viuvo, poz em pratica para satisfazer os seus appetites de faminto sexual, tornam-no mais repugnante ainda.

D. Manuel enviou a D. Leonor emissarios que tiveram a habilidade de, infamemente, a convencerem de que o Principe que lhe queriam dar por marido era desagitado do corpo e do espirito. Pintaram-lh'o como um monstrosinho, de tal maneira que, quando depois de já se haver sentido estreitada pelos braços exaggeradamente compridos de D. Manuel, conheceu o enteado, que era um rapaz

na flor da idade e, pelo menos na apparencia, são e escorreito, não poude deixar de exclamar: *este es el bovo?*

Ha indubitavelmente, no *Auto* de Camões, uma allusão a este acto infame do Rei *afortunado*. E com que doloroso prazer D. João III — o filho offendido — o ouviria representar!

Deixe-me v. apresentar áquelles dos seus leitores que o não conhecem uma das muitas passagens encantadoras pela forma e pela ideia:

Principe:

«Oh bella vista e humana,  
Por quem tanto mal sostenho!  
Oh Priceza soberana!  
Como? nos braços vos tenho  
Ou este sonho me engana?  
Pois como, sonho, tambem  
Me queres vir maguar?  
E para me atormentar  
Mostras-me a sombra do bem  
Para assi mais me enganar?  
Assi que, com quanto canso  
Já não posso olhar atalho,  
Pois que o somno quieto e manso,  
Que os outros tem por descanso  
Me veem a mim por trabalho.  
Pois ha hi tantos enganos  
Que condemnam minha sorte;  
Não o tenho já por forte,  
Se á volta de tantos damnos,  
Viesses tambem a morte.»

Estes lindos versos, ouvi-os, no sabbado, da bocca d'uma linda mulher que interpretou muito bem o papel de Principe e cuja voz o meu ouvido e o meu espirito jámais esquecerão. Pudessem Camões ouvi-la e extranhar a sua obra, porque, se ella, como obra humana, não sahiu perfeita da sua penna, attingiu agora, a perfeição, atravez d'essa voz que me pareceu divina.

A. B. C.  
3-9-911.

P. S. — Já me esquecia de lhe dizer que no 3.º e 4.º actos do espectáculo de sabbado, se representou a segunda jornada do *Auto do Fidalgo Aprendiz*, de D. Francisco Manuel de Mello, e *A Vida de D. Quixote*, de Antonio José da Silva, o *Judeu*, a que não me refiro demoradamente, pelo receio, já manifestado, de o obrigar a augmentar o formato do jornal. — A. B. C.

## SECÇÃO LITTERARIA

### UM NAMORO AO TELEPHONE

Imitação do inglez

(CONTINUAÇÃO)

Por falta de coisa melhor para occupar o espirito, Polycarpo olhava para ella, e um não sei quê indescritivel o fazia olhar de novo.

Não era realmente alta, mas havia um ar de dignidade, quasi belleza, no seu porte altivo. O seu vestido mauve ficava-lhe bem, e sob o seu grande chapéu de abas pendentes sobre o rosto, Polycarpo via bastas e macias ondas de cabelo negro, sobranceiras negras e grandes e meigos olhos castanhos. Se bem que se não pudesse chamar-lhe completamente linda elle sentia intimamente grande prazer em olhar para ella, e achava-se desejando que ella fallasse.

Tinha, havia pouco, pensado tanto numa voz, que sentiu um súbito desejo de ouvir a voz d'ella, socegada, terna e serena menina de olhos meigos. Elle quasi imaginava que a estava ouvindo, mas era a voz de Alda da Silveira que lhe vinha pelo fio telephonico.

Que tarde era já! Cinco horas e nem signal della.

A menina de vestido mauve espreitava-o curiosamente, quando elle se mostrava inquieto e consultava o relógio.

A indecisão daquelle rapaz era obvia e ella parecia sorrir-se levemente d'essa inquietação, mas de um modo grave e serio. Elle, voltando-se abruptamente, viu-a, e ambos se riram impulsivamente. Era realmente caso para rir.

Elle passou d'um lado para o outro, deixando-a de guarda aos rebuçados d'ovos.

Chegando a casa na peor disposição possivel, mandou a Dorothea a correr buscar umas costellets que despachou murmurando imprecações.

De minuto a minuto levantava-se estorcendo os dedos, e dirigia-se ao telephone. Afinal não poude resistir mais tempo. Devia fallar-lhe por força.

Está lá? E' V. Ex.ª? Perguntou elle com insistencia. Então não appareceu no fim de contas... fiquei tão... tão desapontado!... O quê... V. Ex.ª foi á pasteleria? V. Ex.ª esteve lá?... Mas isso não póde ser. Demorei-me lá seculos... sim e nem signal vi de V. Ex.ª. Que coisa tão singular. Não posso imaginar como nos perdemos um do outro.

Sinto enormemente que V. Ex.ª não tenha tomado chá. Então, a menina tomou? Pois olhe, eu não.

Alda, sr.ª D. Alda póde fazer-me amanhã o mesmo favor de hoje? Bem; lá estarei ás mesmas horas. Não nos percamos outra vez. Boa noite.

Fumou 3 cachimbos cheios a fio d'uma maneira doida e cahiu entorpecido na cama. O seu ultimo pensamento coherente foi um insano desejo de tornar a ver a menina do vestido mauve.

Na manhã seguinte, enquanto estava batalhando com o laço da gravata, o telephone soou asperamente. Elle voou, lançou mão do receptor com um grito agudo! Eh lá!

Quem está ahí? Sim sou Polycarpo dos Anjos. Oh! Bons Dias, menina Alda... Sim, estou esperando.

Durante tres minutos permaneceu elle como uma estatua de pedra, escutando a voz que amava. Depois disse «Sim!»... socegradamente tocou para cortar e acabou de se vestir.

Nem uma palavra poude a sr.ª Dorothea tirar d'elle, excepto a observação — que o bacalhau que não era bacalhau, mas arenque, parecia ter morrido havia já muitos annos.

Abstrahidamente colleccionou as suas cartas e sahiu sem dizer palavra.

A's quatro e meia Polycarpo estava outra vez encostado ao rotulo das pastilhas e varias pessoas que passavam com pressa admiravam-se de que aquelle rapaz alto e bem parecido estivesse tão horivelmente pallido.

Haveis de conhecer-me, tinha ella dito; mas, reconhece-la-ia elle?

A incerteza era quasi insupportavel, por isso olhava abstracto sem ver bem aquillo para que olhava.

Num segundo confundiram-se-lhe as côres, e o mundo deixou para elle de existir.

Com um supremo esforço voltou-se.

Ao seu lado com a palidez da morte e os olhos muito brilhantes estava a menina do vestido mauve.

V. Ex.ª... exclamou elle.

A palavra prendia-se-lhe na garganta. V. Ex.ª?...

E a voz que'elle amava respondeu-lhe dulcissimamente.

Sim; sou eu.

Como um louco, delirante, pegou-lhe na mão.

V. Ex.ª — repetiu de novo uma e muitas vezes, mettendo a mão d'ella nas d'elle.

(Continua)

Olveira Parreira.

## NOTICIARIO

O novo ministerio — Ficou organizado, no sabbado, o novo ministerio que é assim constituido:

Presidencia e Interior — João Chagas.

Justiça — Dr. Tavares Leotte.

Finanças — Dr. Duarte Leite.

Estrangeiros — Dr. Augusto de Vasconcellos.

Guerra — General Pimenta de Castro.

Marinha — Dr. João de Menezes.

Colónias — Dr. Celestino de Almeida.

Fomento — Dr. Sidonio Paes.

Consortios — Só ha poucos dias soubemos do casamento do nosso illustre conterraneo e querido amigo, sr. Dr. Orlando Rego, com uma gentil senhora da sociedade lisbonense. Apesar de um pouco tarde, não deixaremos de cumprir o grato dever de o felicitar muito affectuosamente, estendendo os nossos cumprimentos a toda a sua Ex.ª Familia.

Não sabemos lisongear, mas sabemos fazer justiça, e assim devemos dizer que o Dr. Orlando Rego, pelas suas bellas qualidades de espirito e de character, é das pessoas do nosso conhecimento uma das que mais sympathia despertam e mais estima merecem. Teve a ventura de encontrar, para companheira da vida, uma senhora virtuosissima, affectuosa, de fino e illustrado espirito, e por isso são legitimas todas as esperanças de felicidade que, neste momento, lhe povóam, decerto, o coração.

Uma coisa apenas lhe desejamos: que todas essas esperanças se realizem. Renovamos-lhe os nossos cumprimentos, extensivos á sua Ex.ª Esposa, á sr.ª D. Helena Rego.

Consortio-se, em Requeixo, o sr. Julio Francisco da Ponte com a gentil menina Maria Rodrigues de Carvalho, filha do sr. Athanasio de Carvalho, importante proprietario naquella logar.

Aos noivos, que pelas suas nobres qualidades, se tornam muito sympathicos, desejamos as maiores felicidades.

Fallecimentos — Falleceu aqui, ha dias, a sr.ª Anna Baia, mãe do sr. Henrique Baia, e cuja morte foi geralmente sentida.

Morreu, no dia 31, do mez passado, a viuva do sr. Manuel Dias Fortunato, aqui fallecido ha annos, para onde viera como empregado das Obras Hydraulicas. A extincta, que gosava de muitas sympathias entre todas as pessoas que a conheciam, era sogra do nosso presado conterraneo sr. Paulo Ferreira da Costa.

Tambem aqui falleceu, no dia 2 do corrente, a sr.ª Izabel Baia, mãe do sr. José Baia. Não a conheciamos, mas, segundo nos informam, era uma boa creatura, sendo, por isso, a sua morte vivamente sentida.

A todas as familias enlueta-

das as nossas sentidas condolencias.

Serenata — Numa das ultimas noites, as almas romanticas e sonhadoras da nossa terra — e quantas ha por aqui ainda! — foram alvoroçadas pelas harmonias d'uma deliciosa serenata. Proporcionaram este interessante e educativo entretenimento ao povo da nossa terra, tres rapazes na flor da vida, e, portanto, alegres e communicativos: os srs. Antonio Augusto de Miranda, d'Alquerubim, que ha tempos se estreitou nas letras com o livro «Scenas d'Aldeia», e os nossos conterraneos, srs. Manuel Luiz Ferreira d'Abreu e Amadeu José dos Santos, este ultimo muito conhecido e admirado pelas suas bellas qualidades d'artista.

Parece que estamos a ver o nosso *El-Vidalonga*, mal leia esta noticia, a evocar saudosamente os seus tempos de rapaz em que, tantas vezes, com o querido e sempre chorado filho d'esta terra — Dr. Callisto, e muitos outros, entre elles, o tenente-coronel David Rocha, levavam atraz de si, arrastado pela magia do som, quasi o Eixo inteiro. Quantas meninas alvoroçadas pela divina arte de Mozart se despregavam dos braços de Morpheu e vinham, não dormir, mas sonhar, debruçadas ao peitoril da janella, acariciadas pelo luar... Ai! *El-Vidalonga* já recordou, em algumas das suas gazetilhas, esse tempo distante e nós dolorosamente contactámos que a nossa terra está agora bem outra, muito pacata, muito monotona, sem encantos nenhuns. Mas apparece alguém que vem fazer reviver os bellos tempos d'out'ora. Antes assim. Antes assim. Merecem esses joviaes rapazes uma saudação bem entusiastica que *El-Vidalonga* lhes enviará... em gazetilha.

Aggreção — Até á hora em que escrevemos, ainda não foi preso, que nos conste, o sr. José Balacó que, como referimos no ultimo numero, aggreuiu, cobarde e barbaramente, a sr.ª Maria Zacharias, uma pobre velha de mais de 60 annos.

Entendemos que este crime não deve ficar impune, tanto mais que o seu agente já tem largo cadastro. E é para esta nossa opinião, com a qual concordará a de todas as pessoas honestas e sensatas, chamamos a attenção das respectivas autoridades.

Ex mes — Concluiu, ha dias, no Lyceu de Rodrigues de Freitas (Porto), o exame da 7.ª classe de Sciencias, o sr. José Estevão Coelho de Magalhães, filho do nosso illustre amigo sr. dr. Luiz de Magalhães, e neto do grande parlamentar José Estevão.

Revelou o sr. José Estevão, durante o curso secundario, excepçionaes qualidades de intelligencia e trabalho. Com os mais cordaes cumprimentos, para si e para a sua ex.ª familia, exprimimos o voto sincero de que continue a affirmar essas qualidades no curso superior que deve iniciar no proximo mez d'outubro.

Constituição Política da Republica Portuguesa

Projecto n.º 3, tal como foi approved pela Assembleia Nacional Constituinte na discussão terminada na sessão nocturna de 18 de agosto de 1911...

(CONTINUAÇÃO)

Art. 17.º Se algum deputado ou senador for processado criminalmente, levado o processo até á pronuncia, o juiz dará conta á respectiva Camara, a qual decidirá se o deputado ou senador deve ser suspenso e se o processo deve seguir no intervalo das sessões ou depois de findas as funções do arguido.

Alteração — Art. 17.º Se algum deputado ou senador for processado criminalmente, levado o processo até á pronuncia, o juiz communicar-o-ha á respectiva Camara, a qual decidirá se o Deputado ou Senador deve ser suspenso e se o processo deve seguir no intervalo das sessões ou depois de findas as funções do arguido.

Art. 18.º Os membros do Congresso terão, durante as sessões, um subsídio fixado pela Assembleia Nacional Constituinte.

Art. 19.º Nenhum membro do Congresso, depois de eleito, poderá celebrar contractos com o Poder Executivo, nem acceitar d'este ou de qualquer governo estrangeiro emprego retribuido ou commissão subsidiada.

§ 1.º Excetuam-se d'esta ultima prohibição:

- 1.º As missões diplomaticas;
2.º As commissões ou commandos militares e os commissariados da Republica no Ultramar;
3.º Os cargos de accesso, os providos por concurso de provas publicas e as promoções legais.

Alteração—3.º Os cargos de accesso e as promoções legais.

4.º As nomeações que por lei são feitas pelo Governo, precedendo concurso ou sobre proposta feita pelas entidades a quem legalmente caiba fazer indicação ou escolha do funcionario a nomear;

§ 2.º Nenhum Deputado ou Senador poderá, porem, acceitar nomeação para as missões, commissões ou commandos, de que tratam os numeros 1.º e 2.º do paragrapho antecedente, sem licença da respectiva Camara, quando da acceitação resultar privação do exercicio das funções legislativas,

salvo nos casos de guerra ou n'aqueles em que a honra e integridade da Nação se acharem empenhadas.

Art. 20.º Nenhum Deputado ou Senador poderá servir logares nos concelhos administrativos, gerentes ou fiscaes de empresas ou sociedades constituídas por contracto ou concessão especial do Estado ou que d'este hajam privilegio não conferido por lei generica, subsídio ou garantia de rendimento (salvo o que, por delegação do Governo, representar n'ellas os interesses do Estado) e outros não poderá ser concessionario, contractor ou socio de firmas contractoras ou empreitadas de obras publicas e operações financeiras com o Estado.

§ unico. A inobservancia dos preceitos contidos n'este artigo ou no antecedente importa, de pleno direito, perda do mandato e annullação dos actos e contractos nelles referidos.

Da Camara dos Deputados

Art. 21.º Os Deputados são eleitos por tres annos.

§ unico. O Deputado eleito para preencher a vaga occorrida por morte ou qualquer outra causa só exercerá o mandato durante o resto da legislatura.

Art. 22.º E' privativa da Camara dos Deputados a iniciativa:

- a) Sobre impostos;
b) Sobre organização das forças de terra e mar;
c) Sobre a discussão das propostas feitas pelo Poder Executivo;
d) Sobre a pronuncia dos membros do Poder Executivo, por crimes de responsabilidade praticados n'essa qualidade, de accordo com o disposto na presente Constituição;
e) Sobre a revisão da Constituição;
f) Sobre a prorrogação e o adiamento da sessão legislativa.

Do Senado

Art. 23.º Os Senadores são eleitos por seis annos.

Todas as vezes que houver de se proceder a eleições geraes de Deputados, o Senado será renovado em metade dos seus membros.

§ 1.º Para a primeira renovação do Senado decidirá a sorte sobre os districtos e provincias ultramarinhas cujos representantes deviam sahir, e nas subsquentes a antiguidade da eleição.

Alteração—§ 1.º Para a primeira renovação do Senado, assim constituído, decidirá a sorte sobre os districtos e provincias ultramarinhas cujos representantes deviam sahir, e nas subsquentes a antiguidade da eleição.

§ 2.º O Senador eleito para preencher alguma vaga occorrida por morte ou qualquer outra causa

exercerá o mandato pelo tempo que restava ao substituido.

Art. 24.º Ao Senado compete privativamente approvar ou rejeitar por votação secreta, as propostas de nomeação dos governadores e commissarios da Republica para as provincias do Ultramar.

§ unico. Estando encerrado o Congresso, o Poder Executivo só poderá fazer, a titulo de provisório, as nomeações, de que trata este artigo.

Das attribuições do Congresso da Republica

Art. 25.º Compete privativamente ao Congresso da Republica:

- 1.º Fazer leis, interpretal-as, suspendel-as e revogal-as.
2.º Velar pela observancia da Constituição e das leis e promover o bem geral da Nação.
3.º Orçar a receita e fixar a despeza da Republica, annualmente, tomar as contas da receita e despeza da cada exercicio financeiro e votar annualmente os impostos.
4.º Auctorisar o Poder Executivo a realizar emprestimos e outras operações de credito, que não sejam de divida fluctuante, estabelecendo ou approvando previamente as condições geraes em que devem ser feitos.
5.º Regular o pagamento da divida interna e externa.
6.º Resolver sobre a organização da defeza nacional.
7.º Criar e supprimir empregos publicos, fixar as attribuições dos respectivos empregados e estipular-lhes os vencimentos.
8.º Criar e supprimir alfandegas.
9.º Determinar o tipo e o valor, a inscripção, o tipo e a denominação das moedas.

(Continúa.)

NOTICIAS PESSOAES

Doentes

Tem passado bastante incommodado o nosso conterraneo sr. Francisco Marques Barbosa cujas melhoras sinceramente desejamos.

Estadas

Vindo de Villa de Conde encontra-se aqui o nosso presado conterraneo sr. Augusto Gonçalves Fernandes, acompanhado de sua Esposa, de seus filhos e de seu genro, o sr. Augusto José Martins.

—Com a sua Ex.ª Esposa e dilectos filhos, está na Costa Nova do Prado o nosso presado amigo sr. dr. Eduardo de Moura, distincto clinico nesta villa.

—Tambem se encontra na Praia da Torreira, com a sua Esposa, o nosso conterraneo sr. Dr. Diniz Severo.

zes o teu serviço? Poz-se o Sono de pé, estremunhado, esfregando os olhos mal abertos e, encarando o importuno, perguntou com enfado:

- Que queres?
—Venho a negocio e com pressa. Vae lá dizer á tua rainha. Avia-te.
—Quem és?
—Quem sou? Fita os olhos em mim e logo saberás o que perguntas.
—Um diabo.
—E's mais esperto do que um esquilo, amiguinho. Isso mesmo: um diabo, embaixador de Satan. Vae e não te demores. Foi-se o Sono de vagar, bocejando. Parava com preguiça, encostava-se ás paredes, a cochilar, coçando a cabeça, arrependendo a greñha, aborrecido.

Sentou-se o diabo em um tronco de mancenilha e ficou entretido com as troças que faziam os pequeninos sonhos a um pesade-

—Está no Luzo, com demora d'alguns dias, o nosso presado amigo sr. Manuel d'Oliveira Santos, estudante do 3.º anno da Faculdade de Direito.

Anniversario

Pelo seu anniversario natalicio, que passou num dos ultimos dias, cumprimntamos o nosso illustre amigo sr. dr. Luiz de Magalhães.

Partidas e chegadas

Partiu para Lisboa, no dia 2 do corrente, a sr.ª D. Leopoldina Fernandes.

—Depois de se ter demorado aqui algum tempo, seguiu para a Praia do Pharol (Aveiro) o illustre homem de Lettras, sr. Dr. Jayme de Magalhães Lima.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 2

Acaba de fazer dois exames, na Escola de Telegraphia d'esta cidade, a sr.ª D. Clotilde Vieira Pinto d'Azevedo, gent. filha do cidadão Antonio Pinto d'Azevedo, natural d'essa villa, que é incansavel na educação dos filhos.

Acaba de chegar a esta cidade, vindo d'Azurva, acompanhado do seu irmão Bernardino, o cidadão sr. Manuel Joaquim d'Oliveira, que alli havia ido, chamado telegraphicamente, em virtude do fallecimento de sua extremosa Mãe.

Este nosso presado amigo está vivamente penhorado pela maneira como os seus conterraneos o receberam e trataram neste momento da sua vida e pede-nos para em seu nome, a todos testemunharmos o seu mais profundo reconhecimento, especialmente ao sr. Luiz Marques Ribeiro.

Pela nossa parte, enviamos-lhe, com um abraço, sinceras condolencias. —Pelo cidadão Joaquim d'Oliveira, natural de S. João de Loure, foi communicado que adheria á commissão que está encarregada de conseguir a vinda á capital da philharmonia «Velha União», d'aquella freguezia, por occasião das proximas festas comemorativas do 1.º anniversario da proclamação da Republica.

Subscreveu com 38000 reis e poz a sua residencia, na Rua dos Coveleiros n.º 9, á disposição de todos os membros da Sociedade Velha-União. Este nosso bom amigo e conterraneo, filho do sr. Luiz do Fontão, acaba de revelar grande interesse pelo progresso da sua terra, tornando-se credor da sympathia de todos os seus conterraneos.

—Pelo nosso amigo sr. Baeta Junior foram offerecidos á nossa philharmonia dois lindos passos dobrados — a «revolução em bivaque» e «o Democrata em Aveiro contra Christo».

—Ha dias que faz um calor verdadeiramente tropical. Alguns operarios têm-se visto obrigados a abandonar o trabalho por não poderem supportar a temperatura. De vez em quando, ouvem-se tambem alguns trovões. Hoje, o ceu está bastante carregado, prometendo muita chuva. — Melicias.

Thomar, 30

Retirou d'esta cidade para S. João de Loure onde conta demorar-se algum tempo o nosso presado amigo sr. Manuel Simões Serralheiro. —Está de prevenção o segundo bata-

lo casmurro que resmungava a um canto.

Mal o Sono tornou, logo deitando-se no seu leito de papoulas, levantou se o diabo:

- Então?
—Pode entrar, disse o porteiro, accomodando-se. Foi-se o diabo, não sem resmungar contra a falta de aseo e a desordem que ia notando na caverna atulhada de ossos encharcada em sanie e trezandando de atordear. Dando com a Morte, que se adiantara para recebê-lo, saudou-a em nome do Principe das Trévas.

—Bemvindo sejas ao meu antro, disse o trasgo offerecendo-lhe um escabello feito de ossos, e logo subiu ao seu throno que era uma pyramide de craneos.

—Estou ás tuas ordens. Falla. —Pois é verdade, disse o diabo, relanciando a vista pela caverna. Venho aqui propor-te um negocio. E' elle o seguinte: Resolveu meu

lhão de Infantaria 15 que, por estes dias deve partir para a fronteira, a render um dos batalhões de Infantaria que, ha tempo, alli se encontra.

—No regimento ha grande entusiasmo e tem-se offerecido varios militares, que desejam incorporar-se no batalhão. Isto convence de que Infantaria 15, se tanto for preciso, saberá defender, com indomavel bravura, a Patria e a Republica. — José Pedro.

Troviscal, 2

Tendo de proceder-se brevemente ao recenseamento geral da população do paiz, acabaram de ser nomeados recenseadores, nesta freguezia, os srs. Antonio Simões Rato, Manuel Joaquim de Carvalho e Manuel dos Santos Pereira, os dois primeiros da Povoa do Forno e este ultimo do Passadouro.

—Foi aposentado com a pensão annual de 3000000 reis o parócho d'esta freguezia, João da Silva Gomes.

—Na sua casa da Silveirinha, d'esta freguezia, falleceu no dia 30 de agosto ultimo, sepultando-se no immediato, o sr. José d'Oliveira Quintaneiro, com cerca de 60 annos de idade.

Os meus sentidos pesames á familia enlutada.

—Ante-hontem partiu para Luzo, afim de fazer uso das respectivas aguas, o meu amigo sr. Manuel d'Oliveira e Santos, da Povoa do Forno.

—Em goso de um mez de licença encontra-se desde hontem junto de sua familia, na Povoa do Forno, o sr. Adriano Joaquim de Carvalho.

—Hontem e hoje tem feito um calor enorme. — Gil.

Alquerubim, 1

Arderam ante-hontem na praia da Costa Nova do Prado, concelho d'Ihavo, cinco palheiros, casas de madeira, entre os quaes o do sr. José Nunes de Carva e Silva, d'Eixo.

Se fosse a outra hora e houvesse vento, as perdas seriam muito maiores, porque muitos mais palheiros arderiam. Não houve desastres pessoasas.

Ainda se salvaram muitas mobílias. — C.

A' ULTIMA HORA

Caminhos de ferro do Valle do Vouga

A' hora em que o nosso jornal estiver a ser distribuido, talvez já esteja inaugurado o troço do caminho de ferro do Valle do Vouga, comprehendido entre Albergaria—Agueda —Eixo—Aveiro.

E' esta, pelo menos, a informação que nos chega, já depois de começada a paginação do nosso jornal.

Aqui, segundo nos consta, haverá manifestações de regosijo, lançando-se, pelo menos, algumas girandolas de foguetes.

ABC Ilustrado

ANGELO VIDAL

Deus compoñdo uma Humanidade como convém ao mundo.

A morte sorriu mostrondo os dentes amarelos.

—Sorris? guarda a tua ironia para mais tarde e ouve. O corpo humano é barro, qualquer oleiro caprichoso pôde fazer uma obra prima no genero e lá no mndo ha estatuarios mais peritos do que o Creador do Homem.

Has-de concordar que Eva não valia a Venus de Milo e Adão, posto ao lado do Apollo, faria tristissima figura. Corpos fará meu amo e senhor quantos quizer, bellos ou hediondos; o que elle nunca poderá fazer é... a alma. E' justamente por tal motivo que aqui venho com uma proposta. Deves ter nesta furna muitas almas?

—Tenho.

—Vende-m'as.

(Continúa)

COELHO NETTO.

Comprador de almas

A caverna da Morte ficava no fundo da floresta lugubre, entre as arvores cujo tronco, d'um amarello lábido, tresuava ichor infecionando o ar com o fétido nauseante.

Pantanos succedi-m-se coalhados de balseiros sobre os quaes enxameavam lucidas moscas.

Pelas raizes, que se retorciam acima do lôdo, emergindo do extenso nateiro, coleavam vermes repugnantes deixando um rastro viscido que alumiaava.

De galho a galho esvoaçavam tontas, batendo surdamente as azas negras, aves tragicas e eram trissos, croaxos, chirrios respondendo aos coxos soturnos que subiam das aguas estagnadas.

A luz do sol não conseguia atravessar a fronde compacta do arvoredo que, ás lufadas do vento frio,

produzia um soído merencoreo entristecendo ainda mais o espantoso degredo.

Sombras iam e vinham, qual mais sinistra e, por onde passavam, infundiam terror: os proprios arbustos enfezados vergavam estarecidos e se alguma roçava por elles logo se lhes mirrava a folhagem e moriam. Só as moscás e os átomos letaes seguitam-nas em legiões e, das altas franças, as aves agoureiras saudavam com as suas vozes prezagas as se viças lamuricas.

A Morte fazia o seu repasto no fundo da caverna. Deante d'ella empilhava-se, um acervo de cadaveres, nos quaes se ia cevando o monstro, quando surgiam pancadas rijas á entrada, junto á lara em que jazia o Sono, porteiro da triste residencia.

Deitado sobre papoulas dormia pezaadamente e, certo, não se teria levantado, se o visitante não o houvesse acordado com violencia.

—E' amigo, é assim que fa-

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRITO

DAS ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> classes, por Angelo Vidal.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Praia, 160, LISBOA.



ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se pôde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.<sup>a</sup> edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos. A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:— Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão—27300 reis.

LÉON TOLSTOI

**A Clero.** A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

**O que é a religião?** Tradução de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

**Pão para a bocca.** Origem do mal. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

**Razão, fé, oração.** Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

**(O Bom senso do) A Razão dum Padre.** Tradução de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

**Atravez das edades.** Poemete offerecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

**O Seculo e o Clero,** por João Bonança 2.<sup>a</sup> edição. 1 vol., 300

**A mentira religiosa,** por Max Nordau. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL DE Gomes de Carvalho, editor 158, Rua da Prata, 160—LISBOA MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.<sup>a</sup> edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fór a sua opinião e a sua creança, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 reis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.—32 paginas—50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de character permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.<sup>o</sup> volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

À venda em todas as Livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração: R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA (Pagamento adiantado)

Portugal—anno . . . . .	1\$200
—semestre . . . . .	600
Africa —anno . . . . .	1\$500
Brazil —anno—(moeda forte) . . . . .	2\$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha . . . . .	10 reis
Communicados, cada linha . . . . .	20 »
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.	—
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.	—

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Em: Int.

4.<sup>o</sup> ANNO—N.<sup>o</sup> 34